



CARTA ANUAL DO SUPERIOR GERAL
AOS COIRMÃOS DA SOCIEDADE SÃO PAULO

**Deixemo-nos transformar pela escuta da Palavra de Deus,
para viver como “editores” paulinos**

Caríssimos irmãos,

O XI Capítulo geral delineou um caminho que nos envolverá a todos nos próximos anos: *“Deixai-vos transformar, renovando o vosso modo de pensar”* (Rm 12,2). *Deixando-nos transformar pela escuta da Palavra de Deus, em diálogo com o mundo em profunda metamorfose, nós, ‘editores’ paulinos, empenhamo-nos em ser artesãos de comunhão para anunciar profeticamente a alegria do Evangelho”*. Precisamente a partir desse objetivo, esta Carta sugere algumas reflexões para aprofundar o caminho que, juntos, decidimos percorrer. O fio condutor deste percurso é justamente o próprio objetivo, aprofundado a cada ano, sem qualquer pretensão de esgotamento. É apenas um ponto de partida para que cada coirmão e cada comunidade possam renovar a alegria de ser “editores” paulinos, apóstolos que, a exemplo de Maria, doem ao mundo Jesus Mestre.

O contexto social e eclesial em que estamos vivendo, junto ao vivenciado em nossas comunidades, apresenta desafios até hoje nunca afrontados e nos conscientiza de que não há respostas imediatas e fáceis. Ao individualizar novos percursos, muito dependerá do nosso trabalhar juntos, segundo um estilo sinodal que dá concretude ao nosso viver em comunhão uns com os outros, procurando ser pessoas que de maneira diversa, mas unitária, dão estabilidade à única missão, todos membros de um só corpo (1Cor 12,12-13).

As palavras de São Paulo *“Deixai-vos transformar, renovando vosso modo de pensar”* (Rm 12,2), que nos orientaram como um farol durante a preparação ao Capítulo geral e que agora continuam a nos iluminar, são verdadeiramente necessárias. Traduzem a maneira de viver hoje como Paulinos, não apenas orientados a fortalecer nossas realidades apostólicas espalhadas pelo mundo, mas antes de tudo ativos em assumir um processo gerador. Nesta mudança de época torna-se necessária a mudança de mentalidade, um modo novo de pensar e de agir... de viver. Preparando-nos ao Capítulo geral, e durante o Capítulo, percebemos que não apenas estão em crise nossas realidades apostólicas – crise acelerada pela Covid 19 –, mas também nosso viver juntos e mais ainda nossa identidade de consagrados. Talvez tenhamos assumido uma mentalidade que já não é fecunda, que reduz bastante a força de nossa vocação e a fecundidade apostólica.

Torna-se necessário, portanto, deixar-nos transformar! Mas como? De onde iniciar este processo? Quem pode nos acompanhar neste caminho difícil?

Esta Carta abordará as primeiras palavras de nosso objetivo: *“Deixando-nos transformar pela escuta da Palavra de Deus...”*. A transformação, a mudança de mentalidade é possível se escutamos a Palavra de Deus, se damos ao Espírito a possibilidade de tecer em nós uma nova trama, uma vida nova, um novo modo de ser apóstolos assim como o Bem-aventurado Tiago Alberione sempre desejou de seus filhos.

I. Sinais de uma mudança contínua

O primeiro passo deste percurso tem relação com o tema da “mudança”: a realidade muda e todos nós somos chamados a uma mudança de mentalidade. Como nos lembra o Papa Francisco, *“mudar não significa seguir as modas do momento, mas converter o próprio modo de ser e de pensar, partindo da atitude de espanto diante do que não muda e que ainda assim é sempre novo! O espanto, que é o antídoto contra o hábito repetitivo e a autorreferencialidade. O espanto te leva adiante, te faz mudar, te faz caminhar. O hábito é repetitivo, é autorreferencial te faz olhar para si mesmo, assim, no espelho, para ver a si mesmo”*.¹ De resto, o imobilismo leva à morte, mas também ideias superadas e modos de viver obsoletos, mais cedo ou mais tarde nos apresentam a conta. Tudo isso é um convite a enfrentar esta nossa realidade, aceitando o sentido de inadequação que às vezes se respira, sobretudo quando se trata de ser propositivos. Somos convidados a viver uma transformação ao interno de uma comunicação que muda – e que nos muda – e de uma Igreja que se renova continuamente.

I.1 A comunicação muda e nos muda

É evidente para todos que, nos últimos decênios, a comunicação sofreu uma aceleração única na história, sobretudo devido ao digital, às redes e à tecnologia que passou a fazer parte fortemente do cotidiano. Mudança não apenas linear, mas também de época, que fez das novas gerações nativos digitais, e de outros imigrantes digitais, todos entretanto habitantes da mesma cultura comunicacional, graças à qual surgiram novas oportunidades existenciais. Com essa nova cultura comunicacional mudou o modo de pensar, sempre mais multitarefas, interativo, hipertextual, onde também a memória se expandiu e se potencializou. Entendemo-nos e entendemos o mundo de modo diverso graças também aos big-data ou aos meta-data que põem juntas informações de todo tipo, provenientes da natureza, do mundo animal... do cosmo.²

Papa Francisco, com a encíclica *Laudato si'*, lembrou-nos que tudo está conectado, que existe uma ecologia integral onde natureza, tecnologia, economia e sociedade estão em relação íntima, formam um ambiente único. Ele próprio afirma: *“A humanidade entrou numa nova era em que o poder da tecnologia nos coloca diante de uma encruzilhada. Somos os herdeiros de dois séculos de ondas enormes de mudança: a máquina a vapor, a ferrovia, o telégrafo, a eletricidade, o automóvel, o avião, as indústrias químicas, a medicina moderna, a informática e, mais recentemente, a revolução digital, a robótica, as biotecnologias e as nanotecnologias. É certo nos alegrarmos por estes progressos e entusiasmar-nos ante as amplas possibilidades que estas contínuas novidades abrem para nós, porque ‘a ciência e a tecnologia são um produto maravilhoso da criatividade humana, que é um dom de Deus’*”.³ É verdade, resta ainda esclarecer até que ponto tudo isso possa ser considerado um progresso indiscutível, e considerar o preço que o planeta está pagando, sobretudo quando nossa responsabilidade ecológica fica anestesiada.⁴

O modelo comunicacional mudou, pelo que é sempre mais evidente que as palavras, e também as ações, geram mudanças em nível pessoal e social. A linguagem permite não apenas

¹ Papa Francisco, *Discurso aos participantes do encontro promovido pela Coordenação das Associações para a comunicação (COPERCOM)*, 31 de outubro de 2022.

² Cf. Benanti P., *Tecnologia per l'uomo. Cura e innovazione*, Edizioni San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 2021.

³ Papa Francisco, *Laudato si'*, n. 102.

⁴ *Ibidem*, n. 105.

descrever a realidade – e informar –, mas é uma forma de ação social⁵ e permite “pôr em comum”, retomando o sentido original da palavra *communicatio*. Então a comunicação nos muda. Mudamos o modo de entender e viver as nossas relações, estando preocupados não apenas das “mensagens”, das “representações cognitivas”, dos “códigos”, dos “sinais”, mas sobretudo da “escuta”, do “diálogo”, do “reconhecimento”, da “empatia”... do “encontro” entre pessoas. “Se não há o encontro, não há comunicação”, recorda Papa Francisco. Na mesma ocasião, depois, acrescentou que “encontro, escuta e palavra é uma espécie de ‘a-b-c’ do bom comunicador, porque é a dinâmica que fundamenta toda boa comunicação”.⁶ A comunicação é “ser com os outros” e “para os outros”. E este é um processo transformador: conhecendo o outro, tendo cuidado do diálogo, modifico meu modo de pensar, ocorre uma mudança em mim, uma transformação, minha própria identidade define-se de maneira nova.⁷ Podemos dizer que quanto mais estamos próximos uns dos outros tanto mais conseguimos enfrentar desafios que são maiores do que nós, e o exemplo mais claro é a pandemia da Covid-19. Ninguém pode dispensar o outro porque não somos indivíduos autossuficientes, mas pessoas felizmente em busca de outras pessoas.

1.2 Uma Igreja que se renova

A contínua mudança do contexto social dentro do qual vivemos – caracterizado por uma cultura da comunicação que muda velozmente – não é fruto apenas de novas invenções, de descobertas que se acrescentam a outras descobertas. Hoje a mudança é mais profunda: trata-se de mudança de época, como nos lembra Papa Francisco.⁸ Todos estamos envolvidos. Entre todos os sinais que a descrevem, um parece particularmente interessante e comum a tantas outras realidades eclesiais: a dificuldade de transmitir a fé de uma geração a outra. Em crise não estão as jovens gerações, mas os adultos e seu modo de viver e crer.⁹ A identidade do adulto como aquele que gera, também à fé, é posta em crise sobretudo na sociedade do bem-estar, caracterizada pelo mito da juventude perene. Portanto, entra em crise a família, lugar da maturidade e do dom recíproco, mas também a comunidade eclesial quando não mais consegue gerar à fé. Claro, não é repetindo o passado que se muda a direção. Há necessidade de algo mais, porque se trata de realizar uma conversão pastoral profunda.¹⁰ não é suficiente reorganizar as múltiplas atividades. Hoje são necessárias pessoas que tenham o cuidado daquilo que é essencial, ou seja, da vida em sua totalidade, sobretudo quando está ferida, quando surgem perguntas para as quais não é fácil encontrar uma resposta, quando novos desafios pedem novas respostas. Nesse sentido torna-se necessária uma mentalidade pastoral nova para a Igreja de amanhã,¹¹ atenta às pessoas e ao que vivem, mais que predisposta a resistir à

⁵ Turrise A.-Biscaldi A., *Parole di prossimità. La comunicazione al servizio dell'uomo*, Edizioni San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 2021, p. 25.

⁶ Papa Francisco, *Discurso aos participantes do encontro promovido pela Coordenação das Associações para a comunicação (COPERCOM)*, 31 de outubro de 2022.

⁷ Turrise A.-Biscaldi A., *Parole di prossimità. La comunicazione al servizio dell'uomo*, op. cit. p. 44.

⁸ Papa Francisco, *Discurso à Cúria romana para os votos de Natal*, 21 de dezembro de 2019.

⁹ Cf. Matteo A., *La Chiesa che verrà*, Edizioni San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 2022, p. 33s.

¹⁰ Papa Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 27.

¹¹ “A mentalidade pastoral nova que nos serve deverá, então, morder processos graças aos quais a comunidade cristã redescubra sua vocação fontal de ser espaço autêntico e concreto de comunhão, de partilha, de participação, de comunicação, de reconhecimento da igual dignidade de cada um e de cada uma, de hospitalidade da diversidade, de diálogo entre as gerações, de celebração da vida em todas as suas fases e idades, de reconciliação e de luto com o fato desafiador da existência humana, e sobretudo em contato, para cada um, com o Deus-Amor que se faz presente na proximidade generosa de irmãos e de irmãs em Cristo” (Matteo A., *La Chiesa che verrà*, op. cit., p. 155).

mudança por medo de morrer ou de ver o término de uma obra pastoral. Nesse sentido, a Igreja, tendo profundo cuidado pelas pessoas, tem também o dever de encontrar aqueles que aprenderam a viver sem Deus:¹² e hoje são muitos. Mas como?

Se, por exemplo, olhamos o caminho percorrido pela Igreja do primeiro século, nos damos conta de que um dos primeiros desafios afrontados e vencidos foi a escolha de uma língua e de uma linguagem para “dizer” o Evangelho que é Jesus Cristo. Os evangelistas não se limitaram a usar o grego, o hebraico ou o aramaico, mas valorizaram imagens, símbolos, conceitos para contar o inédito da vida, do ensinamento, da morte e ressurreição de Jesus dentro e fora do ambiente judaico. E assim a transmissão da fé percorreu uma estrada especial, um processo cultural que se tornou possível mediante a escolha de uma linguagem acessível aos judeus e aos pagãos, abrangendo todo o império romano. Podemos dizer que a comunicação cria as condições para que a fé e a vida da Igreja continuem no tempo, sejam transmitidos de geração em geração, envolvendo povos sempre novos, povos que hoje denominaremos de “geração z”.¹³ Hoje nos encontramos na mesma situação dos evangelistas: é necessário expor o Evangelho considerando que a linguagem de dois mil anos atrás é a gramática digital, aquela da rede, uma passagem cultural que está apenas nos inícios. Neste sentido, junto com toda a Igreja, também nós Paulinos somos chamados a participar de uma mudança de mentalidade, de linguagem, de evangelização... de vida, e ser portanto geradores, disponíveis a contribuir à formação de novos processos de transmissão da fé às gerações de hoje e de amanhã. Somos convocados a ser verdadeiros “editores” da Palavra, isto é, a *dar* o Salvador ao mundo atual.¹⁴

2. Deixemo-nos transformar... pela Palavra

O ambiente comunicativo, aquele social e a realidade eclesial, estão portanto em mudança contínua. Mas existe outro espaço que nos fala de transformação: é a Palavra de Deus. Todos os personagens que encontramos na Bíblia fazem um percurso que não os deixa como antes. A Palavra descreve o ânimo das pessoas, mostra suas perguntas, os medos, o amor, as infidelidades, a coragem de um povo... aspectos todos que, no tempo, mudam seja no bem seja no mal. Eis por que aproximar-se da Escritura significa entrar num mundo vivo e continuamente em transformação, e conhecer uma trama viva que envolve o leitor em primeira pessoa. Mas como aquele que encontra Deus se transforma? Dois episódios bíblicos nos ajudam: aquele de Abraão e aquele que relata o encontro entre Maria Madalena e o Ressuscitado.

2.1 De indivíduo a pessoa: Abraão

No relato bíblico de Abraão temos um exemplo claro para onde a Palavra de Deus conduz. A história de Abraão, chamado a sair de sua terra e a abandonar seus parentes (Gn 12,1), mostra-nos o que Deus realiza na vida deste patriarca. O livro do Gênesis nos introduz nas

¹² Riccardi A., *La Chiesa brucia. Crisi e futuro del cristianesimo*, Editori Laterza, Bari-Roma 2021, p. 108-117.

¹³ A Geração Z, resumidamente Ger Z, é a geração dos nascidos entre 1997 e 2012. Muito jovens, em 2020 têm entre 8 e 23 anos e são os primeiros a não ter conhecido um mundo sem tecnologias e ambientes digitais, fato esse que não pode não influir sobre como vivem cotidianidade, consumos e expectativas em relação ao trabalho.

¹⁴ Cf. *Linhas editoriais. Identidade, conteúdos e interlocutores do apostolado paulino*, 2018, n. 1.2.

diversas situações vividas por Abraão após o chamado de Deus. Ele aprende a não mais viver como solitário, mas como homem em relação: com Deus e com Sara. O centro de sua vida será o Outro e a outra; ele mudará seu modo de existir.

No início dessa caminhada, Abraão pensa e age como indivíduo. O episódio que revela esta sua identidade o encontramos em Gn 12,11-16. Precisamente para evitar consequências desagradáveis por parte dos egípcios, Abraão decide considerar Sara, sua mulher, como “irmã”, oferecendo-a ao faraó. E o autor do Gênesis conclui: “Este, por causa dela, tratou bem a Abraão, que recebeu ovelhas, bois, jumentos, servos, servas, jumentas e camelos”. Um fato que revela como a relação com Sara fosse ainda unidirecional; aliás, na situação em que veio a se encontrar, Sara é de fato apenas um perigo.

Desse momento em diante Deus conduzirá Abraão a enfrentar um novo êxodo, para abandonar seu modo de viver voltado sobre si, preocupado de não morrer, de perder a vida¹⁵ - pelo que está disposto a sacrificar sua mulher Sara - para entrar em nova existência fundamentada na relação com um “tu”, que o conduzirá a ser uma pessoa capaz de escolher o bem do outro, tirando o olhar doentio de si mesmo.

Há um segundo desafio que Abraão, agora juntamente com Sara, deve enfrentar: Sara é estéril e conseqüentemente Abraão não pode se tornar pai. Somente se tornará após a visita de três homens em Mambré (Gn 18,1-15). Esta cena, construída com minúcias de particulares – gestos, palavras, movimentos... – é uma verdadeira demonstração da sacralidade da hospitalidade oriental para com desconhecidos. Tudo indica uma hospitalidade verdadeiramente extraordinária, uma acolhida que os curará ao manifestar todas as suas melhores energias: a verdadeira acolhida, de fato, é sempre ativa. Lendo, porém, atentamente o texto, a certo momento os três personagens tornam-se simplesmente “o Senhor”: nos vv. 9-10 passa-se do plural ao singular: “O Senhor, porém, disse a Abraão: ‘Por que Sara riu, dizendo: Será que vou dar à luz agora que sou velha?’ Por acaso existe alguma coisa impossível para o Senhor? Neste mesmo tempo, no próximo ano, eu voltarei a você, e Sara terá um filho” (Gn 18,13-14). Quando, então, se tornam pais? Quando acolhem o Senhor, quando entram em relação com Deus. Somente com esta relação a promessa de Deus e o desejo de Abraão de ser pai tornam-se possíveis. De fato, não era suficiente para Abraão ser pai de Ismael graças a Agar – tomada nesse entretempo como esposa para solucionar a impossibilidade de gerar de Sara. A paternidade, como também a maternidade, tornam-se possíveis somente graças à intervenção de Deus, graças à acolhida dos três hóspedes. Este exercício de acolhida de Deus ensinará a Abraão a acolher Sara, aquela que dará à luz Isaac, o filho da promessa, e quando mais prestar atenção à sua mulher tanto mais verá nela o modo extraordinário de agir de Deus, aquele que supera os limites da natureza. Enfim, trata-se de ser acolhedores, porque quanto mais forte for a acolhida – e quanto mais profunda for a relação com os três hóspedes, com o Senhor – tanto mais nos tornamos pessoas fecundas.

2.2 Da morte à vida: o encontro de Maria Madalena com Jesus ressuscitado

Há um segundo texto que nos permite entrever como o encontro com Deus conduz a uma transformação, neste caso da morte à vida. Trata-se da perícopa do Evangelho de João, na qual Maria Madalena encontra o Ressuscitado (Jo 20,1-18). No primeiro dia da semana – o

¹⁵ Neher A., *L'esilio della parola. Dal silenzio biblico al silenzio di Auschwitz*, Marietti, Casale Monferrato (AL) 1983, p. 124-134.181-200.

domingo – Maria de Magdala se dirige ao sepulcro e o encontra vazio. Correndo, vai até Pedro e João para avisá-los e retorna com eles ao sepulcro: fica chorando do lado de fora. Ninguém deles, ainda, havia compreendido a Escritura, isto é, que Jesus devia ressuscitar (Jo 20,9). Os dois discípulos voltam para casa e somente ela continua próxima do sepulcro.

Maria Madalena tinha ido ao sepulcro pensando encontrar o corpo morto de Jesus, e não o encontra. Esta “certeza” da Madalena é emblemática, porque descreve nosso modo de ver ou prever o amanhã: agimos segundo a lógica da causa-efeito e assim nos movemos pensando saber antecipadamente o que veremos. A morte, de fato, põe fim a tudo, e o que restará será apenas a recordação do passado.

Mas, o trecho do Evangelho de João não termina aqui. Outros versículos nos esperam: os fatos ocorrem diversamente. Justamente enquanto ela chora, enquanto diz aos dois anjos “*tiraram o meu Senhor daqui, e não sei onde o colocaram*” (Jo 20,13), inicia um diálogo improvisado com Jesus Ressuscitado, que culmina com duas palavras: “*Maria*” e “*Rabuni – Mestre*” (Jo 20,16). Um diálogo! Sim, porque é disso que se trata, um encontro que para Maria é uma verdadeira manifestação: aquele que estava morto agora vive. Para compreender a intensidade da cena deveremos retornar ao momento no qual outra Maria, Maria de Betânia, irmã de Lázaro, havia ungido Jesus e lhe tinha derramado o perfume do amor (Jo 12,1-8). Agora é precisamente o Amor que a chama pelo nome. E assim aquela que pensava encontrar um morto, encontra vivo o seu amado. Acontece aqui, para ela, a passagem decisiva, uma mudança de perspectiva, pelo que inicia uma nova relação com Jesus. É justamente uma passagem, uma Páscoa o que ela experimenta. Passa de um modo seu de entender e conhecer Jesus para outro novo e igualmente concreto. Este encontro a tornará a primeira testemunha, a apóstola entre os apóstolos, junto com os Doze e com Maria, Mãe de Jesus.

2.3 A Palavra nos transforma

Dois trechos, dois episódios, dois modo de ser transformados. Mas a Palavra escutada há pouco pode produzir em nós a mesma transformação? A questão de fundo é se a Palavra tem algo a nos dizer, ou melhor, se nós damos à Palavra de Deus a possibilidade de nos fazer viver de um modo novo.

Não resta dúvida que muita coisa está ligada à qualidade de nossa escuta. Escutar, de fato, é uma das primeiras formas de acolhida entre as pessoas, às vezes aquela decisiva, porque quando alguém se coloca diante de uma pessoa fazendo silêncio – um silêncio ativo – dá espaço ao outro, dá-lhe a possibilidade de existir. Escutar em profundidade os acontecimentos bíblicos é o exercício necessário não apenas para conhecer o conteúdo e a forma de cada livro que compõe a Bíblia, mas é a possibilidade que damos à Palavra de existir dentro de nós, de operar, até o “*Cristo vive em mim*” de São Paulo (Gl 2,20). Desse modo chegamos a conhecer quem a pronunciou.

O acontecimento do encontro entre o Ressuscitado e Maria Madalena nos diz que a ressurreição de Jesus mudou a vida dessa mulher e da Igreja primitiva, mas visto se tratar de uma Palavra eficaz, ela continua a agir, mudando também a vida de cada um de nós, que escutamos as palavras entre Maria e Jesus. É certo, nós podemos ler a nossa história com os olhos de quem vai ao sepulcro pensando encontrar um morto, olhos que só veem morte, situações impossíveis e sem futuro... pelo que não percebemos que algo novo está florescendo, um broto está se abrindo dentro desta mudança de época. Perceber que alguma coisa está nascendo é o primeiro passo para nos mover rumo a novas direções, para tomar decisões que estão em sintonia com a vida nova que está chegando. Permite de não desperdiçar energias,

resistindo à mudança. De resto, é a Palavra que nos ensina a ler cada crise de maneira fecunda. Eis algumas palavras iluminadoras de Papa Francisco: *“Quem não enfrenta a crise à luz do Evangelho, limita-se a fazer a autópsia de um cadáver”*.¹⁶

Quando afirmamos que a Palavra nos transforma estamos também dizendo que muda nosso modo de agir, de operar no concreto. Pensemos ainda no tema da acolhida: acolher-nos, escutar-nos, ajudar-nos, colaborar, perdoar-nos... não modifica também nosso modo de pensar, de raciocinar, não muda talvez também nossa mentalidade? Os gestos que nós realizamos têm portanto forte valor formativo e identitário. Nós mesmos, precisamente porque empenhados concretamente no apostolado paulino, assumimos como modo de ler e interpretar nossa vida religiosa aquele de “editores” paulinos, ou seja, aqueles que como apóstolos e a exemplo de Maria doam ao mundo o Salvador. Eis o que nos recorda o Bem-aventurado Tiago Alberione: *“O Apóstolo é aquele que carrega Deus em sua alma e o irradia em volta de si. Apóstolo é um santo que acumulou tesouros; e comunica o excedente aos homens. O Apóstolo tem um coração aceso de amor a Deus e aos homens; e não pode comprimir e sufocar aquilo que sente e pensa. O Apóstolo é um vaso de eleição que transborda, e as almas acorrem para se dessedentar. O Apóstolo é um templo da Santíssima Trindade, que nele é sumamente operante. Ele, segundo um escritor, transpira Deus de todos os poros: com as palavras, as obras, as orações, os gestos, as atitudes; em público e privadamente; de todo o seu ser. Viver de Deus! E dar Deus”*.¹⁷ A Palavra, portanto, nos transforma, nos torna cada dia novos apóstolos, “editores” paulinos... porque Cristo vive em nós.

3. Na escuta de nossa história

“[...] Creio que para não nos extraviar temos necessidade de respirar a verdade de nossas boas histórias: histórias que edifiquem, não que destruam; histórias que ajudem a reencontrar as raízes e a força de prosseguir juntos a caminhada. Na confusão das vozes e das mensagens que nos circundam, precisamos de uma narrativa humana que fale de nós e do belo que nos habita. Uma narrativa que saiba olhar o mundo e os acontecimentos com ternura; que divulga nosso ser parte de um tecido vivo; que revele o entrelaçamento dos fios com os quais estamos coligados uns aos outros”.¹⁸ Justamente estas palavras do Papa Francisco nos ajudam a um novo passo para nos dar conta de quanto é necessário deixar-nos transformar pela Palavra de Deus. Pela Palavra, mas também pelas “palavras” que são parte e descrevem a nossa história paulina. Portanto, a história é a chave que nos permite abrir a porta para reavivar a consciência de que somos “parte de um tecido vivo”, que se renova continuamente. A história, portanto, não como conjunto de datas, mas de vidas. De fato, aquilo que primariamente nos interessa é a vida, e justamente por isso deve ser sustentada, amada, promovida, partilhada... Nossa missão pertence a uma vitalidade que recebemos como dom de quem nos precedeu, pessoas como nós, frágeis como nós, mas ricas daquela fé que fez germinar coisas novas, aliás uma “Casa” nova, um apostolado que deu voz à evangelização da Igreja.

Passou bastante tempo desde os inícios, mas nesta contínua mudança geracional as raízes são idênticas, enquanto apenas os frutos mudam de acordo com as estações, segundo a ação do Espírito que fecunda a história, contemplando o Pai e o Filho.

¹⁶ Papa Francisco, *Discurso à Cúria romana*, 21 de dezembro de 2020.

¹⁷ Alberione, T., *Ut perfectus sit homo Dei*, VI, 277-278.

¹⁸ Papa Francisco, *Mensagem para a 54ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais*, 24 de janeiro de 2020.

Também para nós Paulinos há uma “história boa”, como recorda Papa Francisco, que fala de nós e “do belo que nos habita”. Não uma história repleta de nostalgias que ama o passado como um tempo melhor, mas aquela que ilumina as nossas origens, quando a vida paulina começou a existir, a mover-se. Precisamente naqueles dias vemos, como com uma lente especial, a ação do Espírito, da Graça, percebemos a ação do próprio Deus enquanto arrasta o jovem Alberione e alguns meninos. De alguma maneira, este é um exercício que podemos repetir em muitas ocasiões: também neste nosso tempo, porque na mudança de época existe algo de novo que está nascendo para a missão paulina.

Um fato especialmente singular é aquele do Bem-aventurado Timóteo Giaccardo, aquele jovem que em seu *Diário* transcreveu algumas páginas de nossa história primitiva, descrevendo o que acontecia na “Casa” de Alba nos inícios da Família Paulina. Um *Diário* e não, estritamente falando, um documento histórico. E todavia eficaz no intento de mostrar-nos uma aventura da qual também nós somos parte.

São três os episódios que consideramos principais: a renovação dos votos religiosos dos primeiros jovens, que ocorreu no dia 8 de dezembro de 1917 - a segunda data histórica da Casa após aquela da fundação -; o episódio da tipografia que sofre um incêndio, precisamente no dia 26 de dezembro de 1918; e, enfim, o *Pacto* ou *Segredo de êxito* recitado juntos pela primeira vez no dia 6 de janeiro de 1919. Esses três fatos são narrados de maneira muito singular e apaixonada, e o jovem Timóteo Giaccardo dá amplo espaço às palavras pronunciadas pelo Primeiro Mestre.

Lendo e relendo estes três episódios adentramos no caminho percorrido por estes três pequenos protagonistas, os primeiros que, escutando as palavras de Padre Alberione e vendo os seus gestos, experimentaram um processo real de transformação. A transformação típica daqueles que respondem “sim” ao chamado do Senhor, mas também daqueles que assumem em primeira pessoa um novo ideal, um apostolado que ninguém conhecia, e no entanto necessário para o “novo século”. As palavras muitas vezes acaloradas de Padre Alberione davam forma à vida paulina, produziam neles a consciência que se tratava de consagrar a vida ao Senhor para a “boa imprensa”. Essas palavras conduziam a escolhas concretas.

- a. Assim ocorre quando alguns jovens renovam os votos religiosos. É no dia 8 de dezembro de 1917. Em clima simples e durante a Missa, Pe. Alberione descreve a beleza da consagração, lembra o quanto seja necessário empenhar-se, fala do desígnio de Deus, e Timóteo Giaccardo acrescenta: *“Nós não éramos mais nossos, nos sentíamos de Deus, ligados a Ele, coisa livremente Sua, prontos a tudo dar por Ele e para a boa imprensa. Nossa vida era e sentia-se ser apenas uma. Nós entre nós: nós com o Pai, unidos, cimentados, não alunos de uma escola, mas membros de um só organismo, primeiras pedras vivas edificadas de um edifício majestoso”*. Portanto, não alunos, mas membros de um só organismo: eis a sua nova família. Lendo muitas páginas do *Diário* nota-se justamente o espírito de família que caracterizava esta “Casa”. O próprio termo “Casa” exprime isso com clareza. Não a casa de origem, mas uma família nova, aquela preparada pelo Senhor para cada um deles. Os nossos inícios são humildes, mas ao mesmo tempo mostram as qualidades essenciais que depois se desenvolverão. No nosso DNA de Paulinos encontramos de essencial um amor especial que acomuna a todos e que nos transforma em irmãos, pertencentes à mesma Casa: *“Nós entre nós: nós com o Pai, unidos, cimentados”*.
- b. Também o exemplo que vê Padre Alberione como protagonista é contagioso. Trata-se da situação que se criou quando a tipografia sofreu incêndio. O Primeiro Mestre, acordado durante a noite, corre à tipografia para livrar os aposentos das chamas. Timóteo Giaccardo

encontra as palavras certas não apenas para descrever o fato, mas para torná-lo visível a nós. É minucioso nos detalhes, um narrador que descreve com precisão o rosto do Fundador desfigurado pela fumaça e pelo calor. E observa: “Foi São Paulo que o guiou e o salvou”. Padre Alberione, com seu ardor, mostra aos jovens quanto estava envolvido na tentativa de apagar o fogo. As palavras claras e iluminadoras que aos dezesseis anos lhe haviam mudado e orientado a vida – “*Venite ad me omnes*” – na noite famosa da passagem do século, vivida na Catedral de Alba, tinham uma força ainda tão concreta, a tal ponto de lhe permitir de superar as não poucas dificuldades como aquelas de um incêndio. Também para nós são verdadeiras as palavras do Papa Francisco: “*Também quando relatamos o mal, podemos aprender a deixar espaço à redenção, podemos reconhecer no meio do mal também o dinamismo do bem e dar-lhe espaço*”.¹⁹ É isso que Timóteo Giaccardo fez, anotando no *Diário* este incêndio, mostrando que o fogo que ali queimava, iluminava a modalidade com a qual Padre Alberione semeou no ânimo dos seus jovens uma vida de alta tensão, laboriosa e criativa, apaixonada pela evangelização mediante novos meios.

- c. Outra página rica de significado é aquela na qual se descreve a primeira vez em que é recitado, juntos, o *Segredo de êxito*, precisamente no dia 6 de janeiro de 1919. É um verdadeiro Pacto com a Trindade. Padre Alberione está convencido que a missão paulina liga-se àquilo que o Senhor opera na Casa, porque é ele o protagonista, o Narrador que conhece o sentido da nossa história, aquela dos inícios, bem como aquela hodierna. O Primeiro Mestre envolve os jovens para estipular um pacto com Deus, pacto que nasce de uma fé genuína, como aquela que encontramos no Evangelho: “*Se tivésseis fé como um grão de mostarda, poderiam dizer a esta amoreira: ‘Arranca-te pela raiz e planta-te no mar’, e ela vos obedeceria*” (Lc 17,6). Se há esta fé no agir de Deus podemos nos despir da mentalidade segundo a qual “sabe-se tanto quanto se estuda”. Eis o que Timóteo diz, sempre no seu *Diário*: “*Portanto é necessário, para quem vem do Seminário, despir-se das ideias do Seminário: ou seja, sabe-se tanto quanto se estuda; para quem vem de casa, despir-se das ideias que se tem em casa*” (7 de janeiro de 1919). Trata-se de uma ulterior transformação qualitativa: “despojar-se” da ideia de que tudo depende de mim, e assumir a consciência de que somente o Senhor multiplica nosso caminho de santidade, nossa vida apostólica, a fecundidade do estudo, a comunhão entre nós...

Adentramos em três páginas da nossa história. Ora, nos recorda sempre Papa Francisco, “*imerso-nos nas histórias, podemos reencontrar motivações heroicas para enfrentar os desafios da vida*”.²⁰ “Motivações heroicas” não porque já sejamos heróis, mas porque são motivações que nos ajudam a viver o batismo e a vida consagrada de modo “heroico”, qualidade que a Igreja atribui àquele ou àquela que é proclamado “venerável”, e portanto a caminho para a canonização. Estas e outras histórias da vida paulina sustentam o chamado de cada um à santidade, possível somente “*deixando-nos transformar pela escuta da Palavra de Deus*”.

4. Para alimentar a mudança

O breve caminho proposto aqui é apenas um ponto de repartida, e deve ser alimentado constantemente na cotidianidade. À luz do que emergiu aqui, oferecemos três pró-memória, três últimos “lugares” que nos permitem não esquecer que nosso ser “editores” paulinos é

¹⁹ *Ibidem.*

²⁰ *Ibidem.*

um contexto existencial, um ambiente de vida, pertence à vida de Deus, à nossa vocação de apóstolos paulinos, pelo que toda ação fala do que o Espírito gera em nós e nós com ele, a exemplo de Maria, Mãe do Filho de Deus e Rainha dos Apóstolos.

4.1 Nutrir-se do Evangelho

Nesta Carta procuramos evidenciar o quanto é prioritário deixar-nos transformar pela Palavra de Deus. O contexto social e comunicacional no qual vivemos o exige, o próprio caminho da Igreja o sugere. Portanto, mudar a mentalidade, estando na escola da Palavra, de Jesus Mestre. Padre Alberione, numa passagem muito profunda que trata da “mentalidade cristã”, recorda-nos a importância de ser *“pessoas que se nutrem do Evangelho, amam a meditação, fazem leituras espirituais abundantes; de modo que tais princípios são lembrados por elas e sentidos em seu espírito, constituindo a alma de sua alma, quase uma segunda natureza que se sobrepôs à primeira, que a penetrou e quase absorveu. Almas que falam a linguagem da fé em cada circunstância... Há pessoas tão penetradas por um princípio cristão, que toda a sua mentalidade teórico-prática é dominada por ele”*.²¹ “Nutrir-se”, pois, do Evangelho, para assimilar a mentalidade evangélica, aquela que emerge sobretudo da vida e das palavras de Jesus. A “segunda natureza” de que o Primeiro Mestre fala, presente em quem se aproxima da sua Palavra com amor, poderia ser descrita com a imagem do “homem novo” usada pelo Apóstolo em diversas passagens de suas Cartas como, por exemplo, na carta aos Efésios, quando recorda a necessidade de *“renovar-vos pela transformação espiritual da vossa mente, e revestir-vos do homem novo, criado segundo Deus, na justiça e na verdadeira santidade”* (Ef 4,23-24).

Como podemos dar vida a algo de novo, se vivemos sempre com a mesma mentalidade? Como enfrentar os novos desafios apostólicos, se as palavras “sempre fizemos assim” nunca morrem? A Palavra gera novidade porque é viva, embebida de Espírito Santo que, em contato com nossa história, faz nascer algo de novo. Mas permitimos ao Espírito Santo agir? Cuidamos seriamente de nossa vida espiritual, aquela animada pelo Espírito? Alimentamo-nos de sentidos profundos para reavivar nossa vocação paulina? Desejamos abandonar o “homem velho”, aquele individualista, para abraçar o “homem novo”, aquele que faz do dom a maior alegria e o modo de servir os outros?

4.2 A vida e as relações

Há um segundo aspecto que emerge destas páginas: é o amor à vida. Os três episódios extraídos do *Diário* do Bem-aventurado Giaccardo nos lembraram isso, justamente. A “Casa” de Alba era habitada por pessoas que viviam uma comunhão e uma vitalidade apostólica única. Esta vida dos inícios não deve ser imitada pelo que fez – tudo mudou nesse ínterim! – mas deve ser conhecida a fim de que possa fecundar a nossa vida. Nela existe uma intensidade de “sonho” que é incomparável, um idealismo que se traduz concretamente no trabalho apostólico, no estudo, na piedade, na vida comum. As próprias dificuldades são afrontadas com fé e coragem. Quando uma comunidade é viva, ela atrai, coenvolve, suscita curiosidade... torna-se proposta vocacional. Atrai não porque seja perfeita, mas porque é viva, e, portanto, existe um intercâmbio de amor entre as pessoas, há perdão, ajuda recíproca, estima, e se entrevê uma dose especial de comunhão.

²¹ Alberione, T., *Alma e corpo para o Evangelho*. Paulus: São Paulo, 2014, p. 50-51.

Desejamos ser pessoas que promovem a vida, o bem, a estima, a ajuda recíproca, o perdão? Cuidamos da relação com a Família Paulina, com os nossos colaboradores, com a Igreja local? Nosso apostolado cotidiano exprime o desejo de ter cuidado com a vida das pessoas? A sinodalidade tornou-se o nosso modo de pensar e de projetar juntos a missão?

4.3 A escuta

A Palavra de Deus, enfim, nos permite de dirigir continuamente nosso olhar ao Mestre, para não esquecer aquele que está na origem da vida transformada. Eis por que a Escritura é pão cotidiano, e deve ser lida, meditada, vivida a cada dia. O exercício da escuta da Palavra na Eucaristia é o primeiro gesto que diariamente realizamos, para fazer de nossa vida um dom. Ele é a porta que introduz no espaço da comunhão, ou seja, da comunicação que cria a “cultura do encontro”.²² Escutar não é permanecer fechados em nossos pensamentos, e sim deslocar ao outro o epicentro de nós mesmos, sair para acolher o Outro. Se nossas celebrações eucarísticas são rotineiras e repetitivas, facilmente seremos repetitivos também em nossas realidades apostólicas, incapazes de escutar o grito de socorro das pessoas. Entramos no mistério pascal de Cristo se nos exercitamos na escuta, porque é aquilo que o Pai realizou quando ouviu o grito de seu povo e enviou o Filho, aquele que renovou a vida com a sua morte.

Existe em nós a vontade de escutar-nos e escutar a humanidade de hoje? Valorizamos algum momento de silêncio ao longo do dia? Dedicamos tempo para que a Palavra nos interpele e seja o nosso diálogo com Jesus Mestre? A criatividade apostólica nasce da escuta da Palavra?

Deixando-nos transformar pela escuta da Palavra de Deus, experimentaremos processos novos em todos os níveis. Valorizaremos sempre mais o diálogo fraterno, a partilha, a informação e também os espaços de escuta e diálogo que já existem em nossas comunidades e nos espaços apostólicos: os encontros comunitários, os conselhos de apostolado e de formação, todas aquelas múltiplas oportunidades de pensar e decidir sinodalmente. Tal processo leva cada um a sentir-se mais envolvido na vida da comunidade e na missão. Escutar não é perder tempo, mas a premissa para criar comunhão. Uma mentalidade sinodal, portanto, conduz à escuta de nossos colaboradores, fazendo-os sentir-se parte de um projeto de evangelização. O mesmo vale para a Família Paulina e a Igreja local. De modo particular, escutar a Igreja é necessário para dar forma ao nosso apostolado cotidiano e responder aos diversos desafios. Escutar com coração atento é o primeiro passo para amar esta nossa humanidade e fazer “a caridade da verdade”.

Vale ressaltar outro aspecto, sempre fruto dessa transformação dada pela Palavra, que nos coenvolve também em nosso modo de viver. Refiro-me ao tema da “sustentabilidade” em todos os níveis. Também essa é fruto da escuta, de um discernimento que jamais pode terminar. Podemos nos perguntar: o que nos ajuda a viver hoje nossa missão? Do que temos realmente necessidade para ser “editores” paulinos? O que deve ser mantido e o que deve ser abandonado para viver a nossa missão? Aqui entendemos bem a importância da mentalidade, de uma mentalidade renovada para decidir e viver um apostolado que responda aos reais desafios de hoje, dentro da cultura da comunicação. Trata-se de investir, com pessoas e projetos, nas novas fronteiras digitais – coisa aliás que já existe em algumas de nossas Circunscrições –, sem esquecer a nossa história. Quantos caminhos se abrem diante de nós

²² Papa Francisco, *Mensagem para a 51ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais*, 24 de janeiro de 2017.

para a missão! Podemos permanecer insensíveis? Podemos esconder os talentos e não usá-los com criatividade e amor?

Em todo caso, o nosso caminho não termina aqui, porque o próximo passo será aquele de entrar em um segundo tema presente no objetivo do Documento programático: “*Em diálogo com o mundo em contínua metamorfose...*”

Ao término desta Carta fraterna, o convite forte que surge do XI Capítulo geral – “*deixando-nos transformar pela escuta da Palavra de Deus...*” – ressoa ainda mais como essencial para viver a nossa missão. Abre-nos para novas estradas, concretas e sempre a serviço da humanidade de hoje. Permite a todos nós de ser Paulinos do futuro, porque alimentados de um “código genético” que provém do Espírito e que gera coisas sempre novas. Não foi esta, por acaso, também a experiência do Primeiro Mestre? Sim, ele é pai da Família Paulina e “*pai é o mais belo nome que podemos dar a Padre Alberione, porque é título gerador. Fundador ele o foi uma vez, pai ele é cada dia. E é como pai que ouve e abençoa seus filhos e suas obras*”.²³ Ontem, hoje e sempre.

Roma, 8 de dezembro de 2022
Imaculada Conceição de Nossa Senhora



Domenico Soliman
Pe. Domenico Soliman
Superior geral

²³ Carello, R., *O padre do futuro. Tiago Alberione e o desafio da mudança*. Paulus: São Paulo, 2022, p. 12.